



CRICTE 2017

XXVIII Congresso Regional de Iniciação Científica e Tecnológica em Engenharia



HISTÓRIA DO DESIGN NO MUSEU

Paulo Ernesto Scortegagna

Professor/Pesquisador do curso de design da Unijuí
paulosc@unijui.edu.br

Angela Costella Bertei

Acadêmica do curso de Design da Unijuí
angelabertei69@gmail.com

Resumo. *O presente trabalho busca, através de revisão bibliográfica, de conteúdos trabalhados nas aulas de história do design no segundo semestre de 2015, ministradas pelo mestre Paulo Ernesto Scortegagna e ainda visita in loco no museu da Fidene, contextualizar o design em uma época compreendida entre os anos de 1890-1920. Por meio de um trabalho acadêmico proposto na disciplina onde o objetivo era escolher um objeto presente nos acervos do Museu Antropológico Diretor Pestana (Madp), mantido pela Fidene, e posteriormente analisá-lo conforme os estilos e movimentos estudados na disciplina, pôde-se ter maior contato com o movimento Art Nouveau, que se mostrou característico no objeto escolhido (máquina registradora).*

Palavras-chave: *Art nouveau. Máquina registradora. História do design.*

1. INTRODUÇÃO

Atualmente ainda se têm dúvidas sobre o que é o design e o que o profissional atuante na área faz, com o que trabalha e mesmo quais os ramos da profissão, bem como sobre sua história.

A origem e a etimologia da palavra *Design* são citadas por Boom (1994) apud Bürdek (2006, p. 13): “A palavra *design* se origina do latim. O verbo “designare” é

traduzido literalmente como determinar, mas significa mais ou menos: demonstrar de cima. O que é determinado está fixo. Design transforma o vago em determinado por meio da diferenciação progressiva. Design (designatio) é compreendido de forma geral e abstrata. Determinação por meio de apresentação. A ciência do design corresponde à ciência da determinação”. Já, segundo Cardoso [3] (2008, p.20) a “origem imediata da palavra está na língua inglesa, na qual o substantivo *design* se refere tanto à ideia de plano, desígnio, intenção, quanto à de configuração, arranjo, estrutura (e não apenas de objetos de fabricação humana, pois é perfeitamente aceitável, em inglês, falar do design do universo ou de uma molécula)”.

O termo “design”, contudo, é muito complexo e abrange senão tudo, quase tudo o que está ao nosso redor. Após observarmos os objetos a nossa volta, veremos que algum dia estiveram somente no papel (desenho) para posteriormente estar onde o encontramos. Tudo teve de ser programado, analisado, desenhado, projetado e executado, e, ainda, inovado. Podemos dizer que design agrega muitos termos, tais como projeto, esboço, debuxo, projetar, planejar, delinear, designar, traçar, e ainda expressar a arte do desenho para o bem de todos, ou seja, utilizar do talento do desenho e porque não também do seu aprimoramento ou melhoramento para projetar diversos

elementos destinados à comercialização, estejam eles enquadrados no vestuário, mobiliário, acessórios, gráfico, dentre as muitas áreas em que o profissional venha a atuar.

De acordo com Cardoso (2008, p.18) “o estudo da história do design é um fenômeno relativamente recente. Os primeiros ensaios datam da década de 1920, mas pode-se dizer que a área só começou a atingir a sua maturidade acadêmica nos últimos vinte anos”. Conforme o mesmo autor, “A história do design deve ter como propriedade não a transmissão de dogmas que restrinjam a atuação do designer, mas a abertura de novas possibilidades que ampliem os seus horizontes, surgindo a partir da riqueza de exemplos do passado formas criativas e conscientes de se proceder no presente (p.19)”.

Embora não seja um “museu de design” e, sim, antropológico, o mesmo possui em sua exposição permanente um acervo de objetos representativos da passagem do século XIX para o XX e que foram, em sua grande maioria doados por familiares de descendentes europeus que migraram para o Brasil e residiram na região de Ijuí, no estado do Rio grande do Sul.

Criado no dia 25 de maio de 1961 e atualmente é mantido pela instituição Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado – Fidene, o Madp encontra-se na Rua Germano Gressler, 96, em Ijuí, RS. Conta também com três grandes acervos: Divisão de Museologia, aberto ao público e permanente (Seção de Arqueologia e Antropologia), relembrando o passado do índio pré-missionário, brasileiro e também o povoamento. Os outros dois são o acervo documental (jornais Correio Serrano e Die Serra Post – pesquisa in loco) e a Divisão de Imagem e Som (imagens, fotografias, negativos flexíveis, negativos de vidro, discos, fitas, filmes e áudio).

O principal objetivo foi escolher um objeto (que se encontra no museu) de uma lista previamente combinada em aula e assim conhecer seu acervo, ou seja, onde ele

se encontra. Reunindo a teoria e a prática, o presente ensaio objetiva apresentar os resultados do processo de pesquisa do objeto e sua relação com os estilos/movimentos da História do design estudadas no componente curricular.

2. METODOLOGIA

Através de pesquisa de campo e observação direta junto ao acervo do Madp-Museu Antropológico Diretor Pestana, ocorrida no dia 10 de setembro de 2015, pelo turno da noite, onde foram coletadas informações técnicas (peso, altura, material, entre outros) sobre o objeto escolhido, referencial bibliográfico e vivência nas aulas de história do design.

Quanto aos itens do roteiro que tratavam do Contexto Histórico Cultural da Produção das Peças/Artefatos/Objetos, sua evolução e mudanças e suas relações com a História do Design – Estilos e Movimentos, a metodologia utilizada foi a da pesquisa bibliográfica, pela qual se pesquisou tanto o histórico e a estética do Objeto, bem como sua relação com estilos/movimentos da História do Design, e ainda de dados obtidos junto as documentações da peça existentes no Museu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objeto escolhido foi uma Máquina Registradora, utilizada na época para calcular e registrar as transações de venda. Conforme os dados obtidos na ficha de identificação da peça, foi fabricada no ano de 1901, nos Estados Unidos e comprada por Carlos Schuler na Alemanha em 1910 e que teve sua entrada no acervo do museu em 16 de outubro de 1975. Foi trazida à Ijuí pelo Sr. Carlos Schuler, que a utilizou na cidade de Santa Cruz do Sul, no RS. Doada ao museu, por Balduino Trennepohl, um dos proprietários do “Bar Avenida”, em 1977, o objeto está classificado e exposto na área/seção de Indústria e Comércio.

Segundo o site da wike lingue a primeira caixa registradora foi inventada por

James Ritty uma vez concluída a Guerra Civil Estadunidense:

Era o proprietário de um saloon em Dayton, Ohio, Estados Unidos, e precisava evitar que seus empregados continuassem hurtando seus ganhos. Criou o modelo Ritty I em 1879, depois de observar uma ferramenta que contava as revoluções do propulsor de um barco a vapor. Com a ajuda de seu irmão John, patenteou-a em 1883”. Pouco depois resultou recarregado com a necessidade de manejar dois comércios, pelo que vendeu todos seus direitos sobre seu invento a Jacob H. Eckert de Cincinnati, um vendedor de porcelana e cristaleria, que formou a National Manufacturing Company. Em 1884 este vendeu a sua vez a empresa a John H. Patterson, que a rebaptizou National Cash Register (NCR) e melhorou a máquina incorporando um rolo de papel para registrar as transações, criando por tanto o ticket ou recebo.

Considerando informações cedidas pelo museu, a máquina tinha seu funcionamento manual e possui 72 cm de largura, 53 cm de comprimento e 157 cm de altura. A seguir pode ser observado o objeto em questão:



Figura 1. Objeto de estudo: Máquina registradora

Detalhes característicos do movimento estudado (Art Nouveau) se fazem presentes como pode ser conferido abaixo:



Figura 2. Mesmo pouco longe, pode-se observar que o objeto possui muitos adornos e detalhamento em sua configuração, característicos do período histórico em questão.

Pesando aproximadamente cerca de 150 kg (não há precisão devido à ausência de uma balança adequada para pesar determinado objeto no museu), ela é constituída dos seguintes materiais: madeira, metal, plástico, mármore, estanho, cobre e ferro. Mesmo não se tendo uma balança adequada, pode-se ter ideia de seu peso devido ao material a qual é feita. Graças à presença do cobre, possui coloração predominantemente dourada. As texturas presentes são as texturas visuais dos próprios materiais utilizados na fabricação, como a madeira, metal, plástico, mármore, ferro, cobre e estanho.

Segundo Argan [1] (1992, p.185), podemos ter uma noção do que se trata o movimento chamado Art Nouveau, ao qual o objeto em questão pertence e que em francês significa “Arte Nova”, em que contextos o mesmo surge, fazendo ligação com o contexto do objeto em questão. Argan (1992, p. 185) apresenta os contextos em que o Art Nouveau surge:

Sob o termo genérico *Modernismo* resume-se as correntes artísticas que, na última década do século XIX e na primeira do século XX, propõem-se a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico-tecnológico, da civilização industrial. São comuns às tendências modernistas: 1) a deliberação de fazer uma arte em conformidade com sua época e a renúncia à invocação de modelos clássicos, tanto na temática como no estilo; 2) o desejo de diminuir a distância entre artes “maiores” (arquitetura, pintura e escultura) e as “aplicações” aos diversos campos da produção econômica (construção civil corrente, decoração, vestuário etc.); 3) a busca de uma funcionalidade decorativa; 4) a aspiração a um estilo ou linguagem internacional ou europeia; 5) o esforço em interpretar a espiritualidade que se dizia (com um pouco de ingenuidade e um pouco de hipocrisia) inspirar e redimir o industrialismo. Por isso, mesclam-se nas correntes modernistas, muitas vezes de maneira confusa, motivos materialistas e espiritualistas, técnico-científico e alegórico-poéticos, humanitários e sociais.

Já no livro “Idéias Práticas de Artes e Artesanato” [4] (1997, p. 131) podemos observar as características do movimento por um outro lado:

“Art Nouveau é um termo usado para descrever estilo decorativo que floresceu em toda a Europa e nos Estados Unidos de aproximadamente 1890 a 1914.”

Como a máquina registradora faz alusão ao movimento citado, podemos notar a presença de elementos com ousadia e simplicidade imitando elementos sinuosos das plantas (explorado no período) por meio de arabescos/adornos nas gavetas e maior parte do objeto (figura 2).

Dempsey [5] (2010, pgs. 33, 35, 36) também complementa o que já foi citado e esclarece melhor o porque do uso das formas como retângulos, curvas, círculos, cilindros, motivos florais e adornos como arabescos estarem presentes no objeto, já que esses elementos eram próprios do movimento:

[...] Após os excessos e a preocupação vitoriana com estilos históricos, foi uma obstinada e bem-sucedida tentativa de criar uma arte verdadeiramente moderna, caracterizada pela ênfase na linha – fosse ela ondulante, figurativa, abstrata ou geométrica – tratada com ousadia e simplicidade [...]. [...] Henry van de Velde foi outra figura da maior importância no *art nouveau* europeu, não só por seu estilo curvilíneo, abstrato e fluido, aplicado aos interiores, ao mobiliário e às ferragens, mas também por promover conceitos próprios, que estavam por trás do movimento [...]. [...] As produções da escola de Nancy eram luxuriantes e caras, incorporavam estruturas curvilíneas e uma decoração realista, que consistia em motivos inspirados em plantas e insetos [...].

Segundo “Ideias para Artes e Artesanato” (1937,p.131), Dempsey (2010, p.33) e informações cedidas pelo museu, o contexto retratado fica entre os anos 1901 até 1910. Esse fato justifica a fabricação do objeto (1901) e compra (1910 por Carlos Schuler, na Alemanha). Por isso o mesmo se enquadra no Art Nouveau ou “Arte Nova” (início O mesmo inicia no final da década de 1880 - 1914), espalhando-se pela Europa e pelos Estados Unidos.

Apesar de estar presente também no início do movimento Art Déco (1910-1930), o objeto exige características inconfundíveis do Art Nouveau: linhas curvas, com ousadia mas também simplicidade, arabescos, motivos florais (flora) e também fauna. A mulher também era um ícone presente, fazendo referência a uma alegoria.

4. CONCLUSÕES

Por fim, a ênfase no “design” em si não está somente ligada à sua história, bem como à sua linha de tempo, seus acontecimentos, movimentos, estilos, artistas, bem como à profissionais da área. Com a presente pesquisa, busca-se, cada vez mais, fazer com que profissionais do ramo, bem como acadêmicos consigam relacionar fatos acontecidos com características presentes entre os movimentos decorridos, a história do design em si propriamente dita e ainda as evoluções que são responsáveis por fazer o movimento desencadear em outros, chegando até os dias atuais.

5. REFERÊNCIAS

- [1] ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- [2] BÜRDEK, Bernhard E. História, teoria e prática do design de produtos. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
- [3] CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do design. São Paulo: Blucher, 2008. Wiki lingue. Disponível em: http://pt.encydia.com/es/Caixa_registradora >acesso em: 04 de junho de 2016.
- [4] Idéias práticas de Artes e Artesanato. São Paulo: Globo,1997; vol.6.
- [5] DEMPSEY, Amy. Estilos, Escolas & Movimentos. São Paulo: Cosac Naify, 2010: vol.2.